

Paraíba

De inverno a verão, eu tenho o que comer



Meu nome é Adriana Batista da Costa Mendes. Tenho 48 anos, moro na comunidade Guritiba, no município de Queimadas, e sou agricultora. Como é bonito quando a gente planta e dá fruto. O que eu faço é com prazer. É uma coisa que eu amo.

Na pandemia, eu comecei a fazer minha horta: alface, coentro, cebolinha, pepino, pimentão e comecei a vender aqui na vizinhança, vendi bastante. Tanto eu supria a necessidade de casa, como eu tinha um extra. Depois, começou a ficar mais escasso, o tempo muito quente, não deu mais para plantar.

Também tinha os animais dos outros, que comiam tudo. Eu fiquei chateada, passei uns dias sem plantar e aí meu marido disse assim: eu vou resolver isso. Vamos fazer um muro e plantar dentro. Na época, a gente nem tinha dinheiro, mas fiz um financiamento no Banco do Nordeste (o Pronaf), plantei palma e, com o dinheiro da venda, quitamos o financiamento e fizemos o muro.

Hoje a gente tem uma dieta saudável, sem veneno, sem transgênico, tudo do meu quintal. A minha mãe, que vive acamada, teve anemia e aí sempre tenho couve, beterraba e cenoura pra ela. Eu pesava 120 quilos e, hoje, estou com 90, fazendo dieta de tudo que eu planto.



Tenho tomatinha cereja, eu tinha bastante coentro mas já está acabando. Alface é pouco. Tenho mais adiante (no terreno fora do muro) pé de mamão, banana, caju. O limão siciliano, eu faço sabão para usar durante um ano. Fiz as contas, uma vez economizei 320 reais só com o sabão.

Um pouco mais à frente, a gente planta macaxeira, batata. Aí tem o caju, tem a jabote (jaboticaba), tem pé de imbu, acerola, tudo isso é pro nosso consumo e da família.

Eu faço dindim de coco, acerola, goiaba, caju, graviola, cajá, cajarana, banana. Quando acaba a safra das frutas, eu faço polpa para a gente tomar suco, vitamina, durante um bom tempo. Da jabote, eu faço geleia. Das bananas, eu também aproveito no açaí que vendo.

Nossa área serrana é muito difícil, mas o que a gente pode plantar, a gente planta. E dá. De inverno a verão, eu tenho o que comer.

Tamanho da terra - As famílias aqui praticamente têm só os quintais, né? Se um pai tem cinco filhos e tem uma propriedade pequena, ele não tem que dividir pra mais cinco? Termina sempre ficando bem pequenininha, fica só um quintal. Aqui do meu pai era bem pequeno. Aí teve a minha tia que queria vender sua herança pra outra pessoa. Aí meu pai disse: eu vou comprar porque eu tenho filhos. Ele vendeu os bichos e comprou. Aí meu outro tio também quis vender a outra parte. Minha mãe quando se aposentou comprou a outra parte para ficar a terra todinha só para os filhos deles.

Água - Tem muita falta d'água aqui. A gente é assim, no inverno a gente armazena as águas, mas não é suficiente. Eu ainda fiz a inscrição daquela cisterna-calçadão, mas não consegui por conta que nossa área aqui é serrana. Tem muita pedra, muita mesmo, não tinha como construir ela aqui.

Eu conto com duas cisternas. A da frente é 16 mil litros, que é da ASA. E a lá de trás, de 18 mil litros, eu quem fiz a partir do fundo rotativo solidário. Água é vida pra tudo, né?

Uma vez Seu Zé Pequeno, de Alagoa Nova, veio aqui num intercâmbio e disse: É um milagre vocês sobrevivem, minhas filhas, porque aqui é seco demais.

Inovações - Eu sou uma agricultora experimentadora, gosto muito de experimentar pra ver se dá certo. O meu adubo eu mesmo faço. Com estrume de vaca, casca do ovo, cascas das verduras e da macaxeira e cinzas do fogo. Mexo tudo e coloco água. Cubro com a lona, quando passam alguns dias, mexo de novo, molho e cubro de novo. Também ponho terra, se não botar, queima. É mais ou menos 2 meses pra ficar pronto. Eu não uso adubo de fora.

Quando eu arranco um pé de macaxeira, guardo o pau. Cavo um buraco, enfio lá e dou uma aguadinha. Assim, tenho mantido vivo o pau até começar a chover pra replantar. A gente não perde nada.

Eu achei melhor trabalhar com a ração do animal do que criar um animal. Quando eu não pude criar um animal, eu disse: vou vender a comida dos animais. Aí eu vendo o silo que faço com a palha do milho, da rama da fava e o capim.

Antes da gente moer, já procuro a quem vender. Quem paga o trator é quem compra a ração. E ainda ajuda na mão de obra, porque ele vem moer e já leva. Antes, a gente não tinha tempo para cuidar dos animais e eles morriam. E a gente fazendo a ração, dá lucro.

Divisão do trabalho - Aqui a gente se divide. Quando um está mais fraco, o outro fortalece. Aqui, não fazemos o serviço diário sozinho. Um faz uma coisa, outro faz de outro. Quando é a colheita do roçado, um fica em casa, outro vai pro campo.

No roçado, quem trabalha mais é eu e meu marido, Josival (51). Meus filhos - João Vitor (20), Izabella (18) e Izadora (12) – trabalham mais na colheita, porque um trabalha e as outras estudam. Meu marido trabalha um dia em um canto, um dia no outro de pedreiro. E, nos dias que ele está em casa trabalha, na agricultura. Ele ama também.

Do quintal, eu cuido durante a semana. Quando é o final de semana, é ele. É a folga que ele me dá. A semana é muito puxada pra limpar, dar comida a minha mãe, cuidar do quintal, tudo. É muito gratificante ter uma mão que nos ajuda. Meus filhos também moram comigo, isso é uma bênção na minha vida, todos três, não me dão trabalho, me ajudam quando é preciso. Quando eu saio para os hospitais para ficar com a minha mãe, são eles que cuidam do quintal, das galinhas, essas coisas.

A vida comunitária - Passei uns dois, três anos afastada do banco de sementes. Me doeu bastante não poder ajudar. Como minha mãe usava sonda, eu não podia deixar ela só, porque arrancava. Aí, mais ou menos no começo do ano pra cá, eu voltei às minhas atividades no banco de sementes.

Todo mês tem reunião na associação. Todo mês, a gente tá lá. Aí no mês que eu não posso ir, eu ligo pra Lia: hoje eu não posso. Dá pra tu arrumar outra pessoa? A associação daqui foi essas mãos e as mãos de Lia quem ajudou a construir. Se não tinha ninguém pra ajudar, a gente fazia. O meu marido e o marido dela eram os pedreiros e a gente era as ajudantes.

Ontem mesmo disse a Lia: Tamo tudo cansada. Vamos ver se um dia alguém vai dar continuidade ao nosso trabalho, né? Porque é um trabalho lindo que a gente faz. Tem muita gente que não dá valor, mas é nossa história que está plantada ali, né? Um dia sei que a gente vai, mas nossa história está lá.

O primeiro fundo rotativo daqui quem fundou fui eu. A gente fez pra tela, pra criação de galinhas, pra cisterna, mas como o dinheiro não era suficiente para cisterna, aí a gente dava o lance do fundo rotativo e quem pegava aquele dinheiro, complementava.

Intercâmbios - Depois da pandemia, parou mais um pouco as visitas, mas a gente já teve bastante visita. Eu também morro de vontade de andar novamente, porque eu não era da minha casa, eu era do mundo. Pra onde Lia me chamava, eu ia. Aqui, nessa terra, a minha melhor amiga é Lia. Tem outra, não. É uma liderança fora do comum.

Onde a gente vai, a gente passa para os outros agricultores as nossas experiências. Quem gosta de experiência, suga e bota em prática. E aquelas que não querem participar, elas continuam vendo o que as outras pessoas fazem com o que elas aprendem.

Crédito - O banco me ajudou bastante. De primeiro, o agricultor não tinha direito de fazer empréstimo. Depois que eu entrei no Agroamigo (Pronaf), fiz muita coisa. Quem me conhece, sabe. Minha casa era uma casinha bem simples. Não tinha cerâmica. Não tinha muro, não tinha nada.

Dá pra gente pegar dinheiro do banco. A gente planta, vende o que produz, quita o banco e ainda sobra. Teve ano que vendi cinco mil reais de palma.

